

V Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão

09 a 11/12/2019, FFLCH - USP, São Paulo - SP

Grupo de Trabalho: Pesquisa e extensão universitárias, sociedade civil e prisões

A ilustração como dispositivo potente para imersão na obra literária: um relato de experiência em clubes de leitura de remição penal¹

Amlton Felipe Santos Borges de Almeida (Unifesp)

Beatriz Antunes Fonseca (Unifesp)

John Halles Gomes da Silva (Unifesp)

¹ Agradecemos às nossas professoras que possibilitaram nossa participação no Projeto de Extensão, incentivaram a produção desse trabalho, lendo e comentando o texto, e aos/às nossos/as colegas que compartilharam suas reflexões sobre o processo de mediação de leitura no âmbito das prisões: Profa. Dra. Claudia Barcelos de Moura Abreu, Profa. Dra. Claudia Lemos Vóvio, Profa. Dra. Fernanda Emy Matsuda, Profa. Dra. Mariângela Graciano, Profa. Dra. Marina Mello, Fernanda de Castro Silva, Nataly Vicente Ferreira, Raphaela da Silva Correa e Thaina Galdino da Silva. E um especial agradecimento aos participantes dessas rodas que sempre nos surpreendem com suas reflexões sobre a vida, as obras e a leitura e sem os quais esse relato não existiria.

Resumo

Esta proposta relata a construção de sentidos criados por pessoas privadas de liberdade na leitura de gêneros literários multimodais, nos quais a linguagem verbal e ilustrações estão articuladas. Essas práticas de leitura literária, ocorrem no âmbito do Projeto de Extensão Universitária “**Remição Penal pela Leitura: dos direitos educativos ao acesso à leitura**”, cujo objetivo é o de contribuir para a ampliação do acesso aos direitos civis, sociais e culturais da população carcerária, por meio do apoio à implementação da Recomendação n. 44 de 26/11/2013 do Conselho Nacional de Justiça. As atividades são desenvolvidas por docentes e estudantes da Universidade Federal de São Paulo, com o apoio da Direção, equipe de Educação e Trabalho e docentes da Educação de Jovens e Adultos da Penitenciária Masculina José Parada Neto.

Organiza-se por meio de clubes de leitura, que ocorrem semanalmente, sendo um deles dedicado a leitores em processo de alfabetização. Os encontros abarcam a leitura compartilhada de uma obra literária, culminando na produção de resenhas orais, posteriormente, transcritas que compõem o processo de remição dos participantes. Nesse contexto de interação, cada participante desempenha papéis variados: daquele que lê para o grupo, que comenta e relaciona trechos da obra com a realidade, que compartilha saberes, que escuta e lê silenciosamente, etc. Durante as rodas, ganharam evidência as percepções e impressões produzidas a partir das ilustrações, que funcionaram como chaves interpretativas para o texto verbal, articuladoras entre experiências subjetivas e aquelas vivificadas por personagens e desencadearam lembranças da vida de cada um. As ilustrações se constituíram como dispositivos essenciais para a aproximação do leitor e aprofundamento no universo da obra. Dessa maneira, a leitura de imagens colaborou na construção de uma relação de intimidade entre leitor e obra, possibilitando encontros com o imaginário, ainda desconhecido, e as reminiscências, o vivido.

Palavras-chave: **Remição penal, Fruição estética, Leitura de Imagens, Leitura Literária**

Introdução

Remir a pena por meio da leitura, além de direito que possibilita diminuir o tempo de pena imposto às pessoas privadas de liberdade, adquire variados sentidos, especialmente no contexto nacional de ampliação do encarceramento, desde 1990. Portanto, o relato que apresentamos tem como suposto que os sentidos atribuídos à leitura podem ser múltiplos, seja para aqueles que tomam parte de atividades na condição de leitores e de presos e que esperam ter sua pena reduzida, seja para aqueles que favorecem essas propostas na condição de mediadores de leitura e que, simultaneamente, se formam como educadores e educadoras, seja para os representantes do poder judiciário e da administração penitenciária que intercedem sobre esses processos.

Fazemos parte do Projeto de Extensão Universitária **“Remição Penal pela Leitura: dos direitos educativos ao acesso à leitura”**², cujo objetivo é o de contribuir para a ampliação do acesso aos direitos civis, sociais e culturais da população carcerária, por meio do apoio à implementação da Recomendação n. 44 de 26/11/2013 do Conselho Nacional de Justiça. Esse projeto prevê um conjunto de atividades desenvolvidas por docentes e estudantes da Universidade Federal de São Paulo, com o apoio da Direção, equipe de Educação e Trabalho e docentes da Educação de Jovens e Adultos da Penitenciária Masculina José Parada Neto, localizada no município de Guarulhos.

Segundo informações da Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, em fevereiro de 2019, a população apenada do município de Guarulhos, onde se localiza a unidade prisional, era de 7.805 pessoas, o que corresponde a uma taxa de aprisionamento de 578,1 pessoas presas para cada 100 mil habitantes, bem superior ao índice nacional, que, em 2016, era de 352,6, e maior que a taxa estadual, que, no mesmo ano, era de 536,5. É importante destacar que a população prisional do estado de São Paulo corresponde a quase um terço do total desse segmento no Brasil. (BRASIL, 2016 apud Graciano et al, 2019).

E é nesse contexto, que se relaciona à aguda desigualdade social que caracteriza nosso país, mais propriamente nesse Projeto de Extensão, que lidamos

² Cf. Graciano et al, 2019.

com o desafio de favorecer a garantia de direitos humanos à população carcerária. Atuamos como mediadores de um Clube de Leitura muito particular, dedicado a pessoas privadas de liberdade em processo de alfabetização, que necessitam do apoio de leitores proficientes para acessar o conteúdo de obras literárias e para produzirem suas resenhas.

Nesse relato, tratamos de um Clube de Leitura que abordou a obra *O conto da Ilha desconhecida*, de José Saramago³, com onze presos da Unidade Prisional José Parada Neto, tomando nossas observações e reflexões sobre as práticas de leitura que ali se estabeleceram e os sentidos que os participantes atribuíram a essa leitura, incluindo a nós mediadores e mediadoras. O ponto de vista do relato, portanto, é o dos graduandos e graduandas; trazemos nossas percepções e os diálogos que travamos a partir da conjunção de texto e ilustrações que constitui essa publicação.

O artigo encontra-se organizado em quatro partes. Inicialmente, tratamos do Projeto e explicamos o funcionamento da modalidade de Clube de Leitura dedicado aos presos alfabetizando. Posteriormente, apresentamos o contexto dessa experiência, o ambiente, as interações e a obra selecionada. Em seguida, discutimos os modos como a obra foi lida e as reflexões em torno da leitura. Por fim, trazemos algumas considerações finais.

O Projeto de Extensão de Remição Penal pela Leitura no Parada.

No projeto estão envolvidos diretamente docentes-pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação e do Curso de Direito da Unifesp, Campus Guarulhos e Campus Osasco, respectivamente, e graduandos, que se vinculam como bolsistas e extensionistas e atuam na mediação da leitura, por meio da supervisão dos docentes acima indicados. Além desses, participam monitores da execução da pena, uma docente e graduandos do Campus Osasco, que acompanham os processos, e pareceristas

³ SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida** [Arthur Luíz Piza, Ilustrador]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

formados por docentes e pós-graduados previamente selecionados que avaliam as resenhas, atestando a leitura realizada pelos participantes (GRACIANO, 2019).

Ao propor a atuação da Universidade no espaço prisional, busca-se contribuir com a superação do preconceito e discriminação em relação à população carcerária, buscando interferir na produção das desigualdades nesses espaços (GRACIANO, 2019). Destarte, o projeto cria a oportunidade da convivência, por meio da mediação de leitura, entre docentes, graduandos da Unifesp e a população carcerária. Os pareceristas e as pareceristas, diferentemente, têm a oportunidade de ter contato com a produção intelectual das pessoas presas. Suas resenhas, escritas ou oralmente documentadas, retratam, de um lado, as novas experiências e vivências que, através dos livros, conectam presos e mediadores e, de outro, a relação do preso com os leitores dos textos que produzem (pareceristas, juízes, por exemplo).

Durante seu primeiro ano, o projeto teve o êxito de estimular e apoiar o acesso ao benefício da remição penal pela leitura, contribuindo para que a população carcerária tenha ampliado seu acesso à Justiça e às oportunidades educativas. Um conjunto de pessoas privadas de liberdade pode tomar parte de quinze clubes de leitura, a fim de remir parte de sua pena por meio da leitura mensal de livros do acervo e produzindo resenhas. Os Clubes de Leitura foram realizados semanalmente, simultaneamente, com quatro grupos de presos. Cada Clube abarcava a leitura de uma obra literária e culminava com a resenha, que, se aprovada pelos pareceristas e pelas pareceristas, possibilita a remição de quatro dias da pena.

Para a constituição do acervo, contamos com a parceria com a Editora Companhia das Letras, que disponibilizou o acervo volante do Projeto Clube da Leitura – Remição da Pena pela Leitura, além da biblioteca da Unidade Prisional e obras doadas ou emprestadas de bibliotecas públicas. Para favorecer a adesão e a escuta de suas preferências, a partir do segundo Clube, os participantes puderam escolher os livros disponíveis nesses acervos, avaliamos que essa estratégia estimulou o interesse e a imaginação por novas histórias e aventuras.

O Clube de Leitura com presos em processo de alfabetização

Como já mencionado, o nosso projeto conta com quatro Clubes de Leitura, sendo um deles destinado às pessoas que estão em processo de alfabetização. Nessa parte do texto, nos ateremos a relatar as vivências desse grupo em específico.

É certo que esta tem sido uma experiência enriquecedora para todas as pessoas envolvidas, tanto para aquelas que estão privadas de liberdade e que, no clube, têm garantidos os direitos de acesso a literatura e à Justiça, quanto para a docente e os graduandos e graduandas encarregados pela mediação das leituras, que exercitam a prática educativa e formam-se como educadores e educadoras.

De início, participaram onze presos⁴, todos estudantes da turma de alfabetização, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvida no interior da penitenciária em parceria com uma escola da rede estadual de São Paulo (escola vinculadora). Em nossas conversas, a maior parte do grupo, afirmou ter frequentado à escola, antes da privação de liberdade, com exceção de dois deles que iniciaram seus estudos na prisão. Assim, o nível de proficiência em leitura é bastante variado. Há aqueles que conseguem ler com certa fluência e os que ainda não leem autonomamente, decodificando com dificuldade o texto escrito ou apresentando dificuldades de compreensão. A idade dos leitores também é variada, porém, todos têm mais de 30 anos, sendo considerados adultos.

Segundo a Recomendação n. 44 de 26/11/2013, “o preso terá o prazo de 21 (vinte e um) a 30 (trinta) dias para a leitura da obra, apresentando ao final do período resenha a respeito do assunto.” É dentro desse espaço de tempo, de aproximadamente um mês, que quatro encontros acontecem para a leitura de cada uma das obras. No primeiro encontro, buscamos provocá-los para acessarem a obra, aguçando a curiosidade sobre seu conteúdo temático. Assumimos os pressupostos de Barbosa e Barbosa (2013, p. 14), que consideram o mediador “alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê.” Assim, mostramos-lhes a capa, refletimos

⁴ Do último Clube, participaram oito presos, sendo que, seis deles, produziram resenhas orais.

sobre os elementos que nela estão presentes, lemos o título e a sinopse, apresentamos o autor ou autora e reconstruímos o contexto de produção do texto, e, a partir dessa introdução, fazemos um levantamento de suposições sobre as possíveis narrativas que podem estar contidas no livro. Em seguida, damos início a leitura a leitura compartilhada. Cada participante tem em mãos um livro que permanece com ele até o final do Clube, podendo leva-lo para a cela e para a aula, dando continuidade à leitura.

As rodas acontecem em uma pequena sala, sem janelas, com mobiliário escolar e prateleiras de metal, onde estão dispostos alguns livros de literatura. A ambientação dos Clubes é feita por meio de uma roda, onde todos sentamos, e podemos a qualquer momento interromper a leitura para fazer perguntas, pedir esclarecimentos, comentar etc. Essa ambientação ajuda a construir um ambiente menos hierárquico e convidativo à participação.

A leitura em voz alta é feita de modo colaborativo e, geralmente, fica a cargo de nós, mediadores e mediadoras. Frequentemente, estimulamos os participantes para que também possam se arriscar nessa prática e o retorno é sempre positivo, pois alguns deles se empenham na tarefa. Cada um, ao seu modo, participa desse processo: os que acompanham silenciosamente a leitura feita em voz alta, os que comentam e relacionam o texto com a realidade, os que compartilham experiências vividas, os que explicam termos, processos, trechos do texto etc. Essas diferentes participações são primordiais para a construção de sentidos e estabelecimento de relação com a obra. Apresentam-se como fundamentais para o aprofundamento literário, que, posteriormente, é expresso por seus comentários e opiniões sobre o enredo, personagens, desfecho e pelas escolhas que fazem ao produzirem as resenhas orais.

Como estes são leitores que estão no processo de alfabetização, a produção das resenhas é feita oralmente, pois muitos deles não produzem textos segundo as normas e convenções de escrita ou, ainda, necessitam de grande esforço para conjugar a escrita e o que querem dizer. O primeiro e segundo encontros centram-se na leitura compartilhada da obra. No terceiro, finalizamos a leitura e preparamos todos para a resenha. No último, retomamos a obra, por meio de diferentes estratégias e sentamos, separadamente, com cada um deles para gravar

em áudio suas resenhas. As gravações são, então, transcritas por nós para que possam ser avaliadas pelos pareceristas e incluídas em seus processos junto a uma petição, o que resultará, após decisão do juiz, na obtenção de dias de pena remidos.

Ao longo dos encontros, criamos estratégias para favorecer a formulação das resenhas, por meio de materiais visuais e escritos, cartazes que reconstroem resumidamente a narrativa da obra trabalhada por meio de imagens e esquemas. Percebemos que esses materiais facilitam o entendimento da linha narrativa contida na obra, pois evidencia, por exemplo, as personagens principais, os acontecimentos marcantes e as partes fundamentais do enredo. A leitura desses cartazes é feita coletivamente e todos colaboram na reconstrução da obra, compartilhando diferentes versões e comentários.

Por fim, vale explicitar outra estratégia por nós utilizada quanto à seleção das obras literárias destinadas a esse Clube de Leitura que atende a pessoas que estão em processo de alfabetização. Consideramos a não proficiência dos leitores participantes e optamos por obras que contivessem textos mais curtos e que explorassem os recursos ilustrativos. Com isso, neste ano, selecionamos: O Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago, Lampião e Maria Bonita: o rei e a rainha do cangaço, de Liliana Iacocca, e Um Dia de Chuva, de Eça de Queiroz. E verificou-se que esse subterfúgio foi essencial para seu funcionamento e adesão do grupo.

Escutando o texto e lendo imagens

Cunha estabelece no Glossário Ceale (2014, s/n) que “a experiência estética literária pode ser compreendida como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção”. Desse ponto de vista, a experiência estética deriva da textualidade e das especificidades dessa produção artístico-cultural e, no caso específico dessa publicação, na conjunção de texto literário e ilustrações, advindas das artes visuais.

Recorrendo à Cunha (2014, s/n), a produção literária é para aquele que a produz também uma experiência estética, compondo-se por “marcas que ele

gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra”. Nesse sentido, nosso papel tem sido o de estabelecer pontes entre texto e leitores, colaborando tanto na percepção dessas especificidades do texto literário como possibilitando o acesso e apropriação dessas marcas.

Assim, quando atuamos como mediadores e mediadoras trabalhamos no sentido de favorecer descobertas dessas marcas e de outras que estão no texto. E consideramos que os participantes e, nesse processo de descoberta, se apropriam e agem criativamente, assim como os autores dessas obras. Mobilizamos uma série de saberes, desde conhecimentos de mundo, que constituem, segundo Freire (1996) a porta de entrada ao mundo da leitura das palavras, suas histórias de vida, suas sensibilidades, incluindo o próprio contexto no qual a leitura se realiza. Todos esses elementos encontram-se interligados e possibilitam o que se designa como fruição, processo que não decorre só do acesso ao texto, mas da articulação de todos esses elementos, numa situação bastante específica como é ler na prisão e acessar direitos: o de realizar a prática de leitura, o de apropriar-se de uma produção cultural largamente valorizada, como é a literatura, e o da remição da pena.

Para muitos, o encontro com as obras literárias pode parecer restrito ao conjunto dos que se autoavaliam como leitores proficientes, mas para o nosso grupo o corpo a corpo com o texto literário, se dá pela escuta das vozes de outros, daqueles que leem em voz alta. Nesses momentos, são mobilizados ouvidos e olhos que acompanham as palavras ditas a partir do suporte livro. A fruição nasce do contato direto com o texto, num primeiro momento pela escuta, mas, posteriormente, por retomadas individuais, nas quais refazem o encontro com a obra. É comum muitos deles contarem de suas experiências com o livro na cela e de trazerem anotações que fazem em cadernos doados pelo Projeto que ajudam, posteriormente, na produção de suas resenhas orais.

Como focalizamos uma experiência particular, a mediação da obra *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, gostaríamos de começar pontuando que a escolha do livro se deu por diferentes razões. A principal delas é que este é um livro de poucas páginas, possibilita uma leitura e mediação não infantilizada e reflexões e conexões importantes com as metáforas presentes na narrativa. A leitura de um

gênero literários multimodal, que reúne linguagem verbal com recursos imagéticos, tendo a ilustração como dispositivo potente, até o momento da leitura compartilhada, não havia sido considerada por nós.

Ao entregarmos o livro, solicitamos que os participantes fizessem uma leitura da capa, a fim de levantar seus conhecimentos prévios sobre o livro e seu universo. Trouxemos um mapa-mundi, imagens de embarcações as mais variadas e dispomos desses materiais no centro da roda. Nesse momento, muitos fizeram associação com o título e relacionaram a história do livro com a de um barco ou com a história de uma ilha desconhecida. Muitos afirmavam que se as ilhas que constam no mapa tinham nomes, não haveria a possibilidade de existir uma ilha desconhecida, o que antecipava uma questão posta no enredo. A possibilidade de debater e analisar o livro em grupo foi extremamente rica, dando abertura para diálogos, percepções e construções coletivas sobre o objeto.

Durante a primeira leitura compartilhada, o estilo e linguagem do texto causaram certo estranhamento. A obra é escrita por um escritor português, que, além das peculiaridades do léxico e dos recursos expressivos que ele emprega, traz representações sobre a cultura das navegações marítimas. Essas características fez com que muitos dos participantes se prendessem a termos e na busca de seus significados, desfocando de uma apreensão mais global da narrativa. Chamou-nos atenção o fato de, apesar da dificuldade em ler com fluência, alguns deles terem empregado estratégias de leitores fluentes e familiarizados com o suporte livro, como ler as notas de rodapé explicativas, marcadas no corpo do texto por um asterisco. Descobrimos, a partir do relato deles, que, essa familiaridade demonstrada por alguns, advinha da experiência do estudo bíblico na prisão. Suas bagagens culturais e vivências fizeram parte do processo de mediação, por meio delas foram construídas conexões entre esses leitores e a narrativa.

Outro exemplo importante da consideração dessas bagagens deu-se por meio do compartilhamento de conhecimentos sobre navegação por um dos integrantes, explicando para o grupo conceitos e terminologias da navegação. Segundo Orlando (2016, p. 4), a leitura se constitui como um objeto cultural, que possui significados e sentidos que só são internalizados pelo sujeito através das interações sociais. Nesse sentido, o participante aqui mencionado, além de ter

traçado uma aproximação entre sua vida e a obra, instigou o grupo a compreender e entender melhor este universo. Conhecer o significado dos termos “proa e popa”, os lados da embarcação que os termos “bombordo e o estibordo” indicam, estimulou todos os participantes, incluindo os mediadores e as mediadoras, a se aprofundar na história, a se colocar no lugar das personagens e a produzir imagens mentais capazes de reconstruir o texto partilhado em roda.

Essa experiência ganhou novas feições por meio do encontro desses leitores com as ilustrações da obra. Segundo consta, as aquarelas de Arthur Luiz Piza, foram preparadas incluídas na publicação pela editora Companhia das Letras, não se trata de um trabalho coletivo entre ilustrador e autor, mas complementar, no sentido de sua inserção ter sido feita após a escrita do texto.

Durante as rodas, ganharam evidência as percepções e as impressões produzidas a partir das ilustrações, que funcionaram como chaves interpretativas para o texto verbal, articuladoras entre experiências subjetivas e aquelas vivificadas por personagens e desencadearam lembranças da vida de cada um. A cor azul da segunda capa, chamou a atenção de um dos integrantes, segundo ele, a cor teria sido escolhida para lembrar o mar, no qual o barco, objeto de desejo do personagem principal, iria navegar. A partir daí associações da narrativa com as aquarelas foram traçadas e compartilhadas com o grupo, possibilitando assim conversas que deram espaço à fruição estética desses elementos.

Esse processo é entendido, como a possibilidade de o leitor executar uma interpretação única e individual da obra, exigindo uma postura de constante busca e reflexão acerca do sentido do texto em sua relação com as imagens, entrando nele por caminhos nem sempre previstos pelo autor (NEITZEL, 2009, p. 134). Outro momento importante, foi o da expressão de interpretações das aquarelas que ilustram a capa e interior da publicação, que ora foram associadas à representação de um navio, ora associadas a porta do palácio e à possibilidade de aventurar-se, etc.

Os questionamentos sobre cada uma das imagens produzidos pelos participantes revelavam suas percepções, relacionando-as à narrativa e associando-as com a vida pessoal. O foco da mediação de leitura foi modificado, as impressões de cada leitor ganharam centralidade em relação à narrativa do livro e à

palavra escrita. Acreditamos que a ilustração acrescentou possibilidades na atribuição de novos sentidos ao texto e aos momentos vividos nas rodas, para além da remição penal. Esse processo de mediação colaborativa foi responsável por construir a ponte de conexão entre leitores, objeto literário e artes visuais.

Considerações Finais

Os Clubes de Leitura do Projeto de Extensão Universitária “**Remição Penal pela Leitura: dos direitos educativos ao acesso à leitura**” configuraram-se, portanto, como um espaço rico no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, em que leitores e mediadores-educadores, mutuamente, ensinam e aprendem. Aos estudantes, que desempenharam a função de mediadores e mediadoras, proporcionou a prática educativa e a reflexão sobre a formação de leitores. E, aos leitores, foram garantidos os direitos ao acesso à literatura, ao direito de se apropriarem da produção cultural escrita, o que, por extensão, acaba por assegurar também o direito à educação e à cultura.

Conduzido por professores e professoras, bolsistas, extensionistas e pareceristas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), as rodas de leitura foram conduzidas na unidade prisional Parada Neto, em Guarulhos. Esse ambicioso projeto une pesquisa, extensão e, o mais importante, possibilita a criação de um elo entre o mundo (externo) e pessoas que permanecem em ilhas desconhecidas, como são as prisões. Essa afirmação de que a prisão é uma ilha desconhecida para muitos foi produzida por um dos participantes. Isolados nessas ilhas e desconsiderados por muitos daqueles que estão em liberdade, a leitura parece lhes permitir uma fuga, um retorno à sociedade, mesmo que imagético.

Destacamos ainda que o contato advindo entre mediadores e pessoas privadas de liberdade, tendo o livro como fio condutor, tem permitido experiências transformadoras no projeto de remição penal pela leitura, ao se confluir educação e acesso à justiça. No tocante ao trabalho que foi desenvolvido nesse Clube de Leitura dedicado às pessoas que estão em processo de alfabetização, as ilustrações constituíram-se como dispositivos essenciais para a aproximação do leitor e aprofundamento no universo da obra. Dessa maneira, os gêneros literários

multimodais colaboram na construção de uma relação de intimidade entre leitor e obra, possibilitando encontros com o imaginário, ainda desconhecido, e as reminiscências, o vivido.

Referências

BRASIL/MJ/CNJ. (2013) **Recomendação n. 44** - Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura.

BARBOSA, J. B.; BARBOSA, M. V. Apresentação. In: _____ (Orgs.) **Leitura e mediação** : reflexões sobre a formação do leitor. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013

CUNHA, M. A. A. Experiência estética literária. In: FRADE, Isabel Cristina Alves; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <<http://goo.gl/bOjSLd>>. Acesso em 26 de março de 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo : Cortez, 1996.

GRACIANO, M. **Remição penal pela leitura**: dos direitos educativos ao acesso à Justiça. [Projeto de circulação restrita]. Guarulhos: UNIFESP. 2019.

NEITZEL, A. NEITZEL, L. **Investigando o processo de leitura por meio de ambientes colaborativos**. Espanha: Grupo comunicar. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/antun/Downloads/OrlandolsabelaRamalho_TCC.pdf> Acesso em 27 de novembro de 2019.

ORLANDO, I. **Afetividade e constituição do leitor**: histórias de mediação vivenciadas por sujeitos universitários. Campinas: UNICAMP. 2016

SARAMAGO, J. **O conto da Ilha desconhecida**. Brasil: Companhia das letras, 1998.